



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

UMA BIBLIOTECA PARA A ESCOLA MARIA DA GLÓRIA: QUESTÃO DE POLÍTICA PÚBLICA?

Alexandra Santos Pinheiro¹; Janieli Salgueiro da Silva²

UFGD-FACALE, C. Postal 533, 79804-970 Dourados-MS, E-mail: alexandrapinheiro@ufgd.edu.br

¹ Professora orientadora, UFGD; ²PIVIC/UFGD/CNPq.

RESUMO

Este trabalho está vinculado ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e tem como objetivo verificar, por meio de pesquisa de campo, o espaço da biblioteca no contexto escolar da Escola Estadual Maria da Glória, bem como o lugar da leitura na vida dos atores que compõem o corpo escolar. No caso da presente investigação, interessa-nos os olhares dos professores de Língua portuguesa e Literatura, do diretor escolar e dos alunos. Foi realizada uma entrevista que visava à reflexão sobre a vivência com a leitura e com os livros por parte dos entrevistados, levando-se em conta que o professor e a escola, através da biblioteca, são os principais mediadores entre o livro e o aluno. Por fim, procuramos compreender se a ausência da biblioteca era uma questão política ou de interesse da escola. A investigação foi sustentada teoricamente por autores que se dedicam a essa linha de pensamento: Chartier (1999), (2001); Manguel (1997); Maroto (2009).

Palavras-chave: Biblioteca escolar, Leitura, Mediadores.



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

INTRODUÇÃO

A lei nº 12.244/10¹, sancionada pela presidência da república em vinte quatro de maio de dois mil e dez, determina que as escolas públicas de todo o país tenham um espaço destinado à biblioteca. A lei é baseada na crença de que a biblioteca se constitui como um espaço de extrema relevância para a formação do indivíduo como um sujeito crítico, bem como, para a formação de leitores e para o letramento literário. Além de considerar a importância da leitura para o indivíduo em formação, a lei toma como fundamento os resultados de pesquisas², que reuniram informações sobre a situação do país no que diz respeito às bibliotecas escolares. As informações apontadas no site, por exemplo, revelam que menos de 27,5% das escolas públicas possuem uma biblioteca, como é o caso da Escola Estadual Maria da Glória que, com quarenta anos de existência³, não possuía⁴ um espaço adequado para a biblioteca escolar funcionar.

A realidade vivenciada, hoje no país, permite observar que muitas escolas ainda não têm espaços destinados à biblioteca e, as que têm, não possuem pessoas especializadas para trabalhar em tal setor: a maioria são compostas por professores remanejados de outras áreas, que saem da sala de aula por motivos de saúde. De acordo com Vieira e Fernandes: “a maioria dos responsáveis pelas bibliotecas não é formada em biblioteconomia, mas, sim, em outros cursos, sendo muitos professores” (2010, p.112). A não formação na área, conforme aponta as autoras, prejudica, em parte, o funcionamento da biblioteca. É necessário que quem esteja à frente da biblioteca busque

¹ Retirado do site da Presidência da república, casa Civil, subchefia para assuntos jurídicos, fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm em 25 de jun. de 2014 as 20:58 h.

² Pesquisa retirada do site do Educar para crescer, que traz informações sobre a lei e a situação das bibliotecas escolares no país. Site “Educar para crescer” – Biblioteca Escolar. Fonte: http://educarparacrescer.abril.com.br/leitura/biblioteca-lei-746554.shtml?utm_source=redesabril_educar&utm_medium=facebook&utm_campaign=redesabril_educar em 25 de jun. de 2014 as 21:26 h.

³ Informações retiradas do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola.

⁴ Ao iniciar a pesquisa, o coordenador de área sentiu-se muito incomodado e, junto com o diretor, providenciaram uma pequena sala com algumas estantes. Aos poucos, as estantes estão sendo preenchidas com livros doados por pessoas físicas.



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

informações que possam ajudar na administração da biblioteca, e principalmente, que tenha consciência do seu papel como mediador entre o objeto, o livro, e o público leitor da escola. O presente artigo, portanto, procura refletir sobre a importância da Biblioteca Escolar para a formação de leitores, com enfoque para a realidade da escola Estadual Maria da Glória.

Por leitura, compreendemos não só o que está escrito. Ensinar a ler implica contribuir para que o cidadão desvende palavras, imagens, sons e, inclusive, o não dito. A partir deste raciocínio, Manguel, em seu livro *Uma história da leitura*, defende que a história está repleta de leitores, segundo ele, existiram e existem leitores em todas as épocas, desde a antiguidade clássica até os dias atuais. Além disso, o autor chama a atenção para as leituras diversas ao afirmar que:

Ler as letras de uma página é apenas um de seus muitos disfarces. O astrônomo lendo um mapa de estrelas que não existem mais; o arquiteto japonês lendo a terra sobre qual será erguida uma casa, de modo a protegê-la das forças malignas; o zoológico lendo os rastros de animais na floresta; o jogador lendo os gestos do parceiro antes de jogar a carta vencedora; a dançarina lendo as notações do coreógrafo e o público lendo os movimentos da dançarina no palco; o tecelão lendo o desenho intrincado de um tapete sendo tecido; [...] – todos eles compartilham com os leitores de livros a arte de decifrar e traduzir signos (MANGUEL, 1997, p. 19).

A leitura do livro constitui uma das possibilidades de aprendizagem. A interação com o texto escrito permite que o sujeito crie repertório e, assim, somado às leituras de sua vivência em sociedade, possam atuar criticamente para e com o mundo ao seu redor.

Em relação à biblioteca da escola, a compreendemos como um espaço de aprendizagem, onde os indivíduos constroem o conhecimento a partir de leituras que nele se realizam. Segundo Silva (2009, p. 116): “a biblioteca escolar deve dar suporte à formação de leitores, estimular a pesquisa e o compartilhar de ideias, pois este local é parte integral do processo educativo”. A biblioteca representa, portanto, um dos espaços de compartilhamento de conhecimento.



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

O resultado da presente pesquisa é fruto da inserção como estagiária no PIBID⁵. O programa proporciona aos estudantes/estagiários a possibilidade de trabalhar com a leitura, com a escrita e com a reescrita de textos a partir de gêneros textuais. Esta investigação foi realizada na escola estadual Maria da Glória da cidade de Dourados, contemplando, num primeiro momento os professores da área, Língua Portuguesa e Literatura, o diretor da escola. Em um segundo momento, inseriremos a voz dos alunos. Foi a falta de um espaço da Biblioteca que gerou a inquietação e, conseqüentemente, a pesquisa. É necessário sublinhar as dificuldades no que diz respeito à coleta dos dados, uma vez que parte dos entrevistados pareciam fugir, alegando constantemente a falta de tempo para nos atender. O discurso presente na fala dos sujeitos que trabalham na escola aponta somente para a preocupação com verbas e não é possível perceber se acreditam ser a biblioteca escolar uma aliada no estímulo à leitura. A preocupação está mais em atender os números, ou seja, a quantidade de alunos, sem preocupação se o espaço comporta ou não.

Com a intervenção do PIBID e da presente pesquisa, foi destinada uma sala para a organização dos livros e, diga-se de passagem, um espaço muito pequeno, de modo que mal couberam nele duas estantes para a organização dos livros que a escola possuía. Apesar de ainda estar longe do que se espera uma biblioteca, os pibidianos organizaram o local, juntamente com o apoio de parte da comunidade escolar, dando aos alunos a oportunidade de pegarem livros emprestados, uma vez que não há espaço suficiente para que, professores e alunos, possam permanecer no local para atividades de leitura. Enquanto organizávamos os livros, os alunos iam até nós e perguntavam “quando estará pronta a biblioteca?”, “quando vamos poder pegar livros emprestados?”. Tais perguntas não só reafirmam a importância da biblioteca, mas mostram, também, que os alunos sentem a falta desse espaço na escola. As indagações corroboram com a relevância de

⁵ O PIBID, Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência, é um programa que possibilita ao acadêmico ter um contato com a sala de aula antes mesmo da conclusão do curso.



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

pesquisas que tenham como foco a organização, a presença ou ausência de bibliotecas em instituições públicas de ensino.

Dessa forma, ao ressaltar-se a importância da biblioteca para o contexto escolar, vale questionar: por que muitas escolas ainda não possuem bibliotecas? Será por questões de políticas públicas? Ou interesse administrativo? O governo tem incentivos para a promoção de formação de professores e alunos leitores, um deles é o Plano Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), que disponibiliza livros às escolas e aos alunos. Essa distribuição ocorre da seguinte maneira: primeiro é feita uma avaliação dos livros, após essa avaliação, as obras escolhidas são encaminhadas às editoras que, por fim, enviam às escolas e às secretárias de educação. No último caso, as secretárias encaminham para as escolas⁶. A distribuição acontece no começo do semestre para que os professores possam usar ainda no mesmo ano.

Além do PNBE, existe também outros como o Programa Nacional de Incentivo à Leitura, o PROLER Segundo Maroto, o projeto objetiva: “formar uma sociedade leitora”, [além da], “[...] revitalização de bibliotecas públicas, escolares e comunitárias” (2009, p. 72). O programa tem alcançado vários estados e municípios, com o intuito de abarcar o maior número possível de indivíduos e, assim, democratizar o acesso à leitura. Vale destacar, que a escola Maria da Glória não havia se inscrito em nenhum dos programas de distribuição de livros. Tal constatação gerou o título do presente artigo, porque nem sempre a ausência de um espaço na instituição de ensino para a biblioteca é exclusivamente um problema de políticas públicas⁷.

Em termos metodológicos, a pesquisa foi norteada a partir de pesquisa de campo, com entrevistas que visavam perceber a relação dos atores presentes no contexto escolar com a biblioteca e a prática da leitura. É importante ressaltar que as entrevistas foram

⁶ Fonte: MEC <http://portal.mec.gov.br/index.php?catid=195:seb-educacao-basica&id=12516:pnbe&option=com_content&view=article>.

⁷ Apesar de valorizar os programas citados acima, vale destacar que, em um país extenso como o Brasil, o Proler e o PNBE não têm alcançado a totalidade das escolas públicas.



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

gravadas e, posteriormente, transcritas⁸. O segundo momento consistiu em uma pesquisa bibliográfica a fim de aprofundar as discussões em torno dos conceitos de leitura e biblioteca, bem como os de literatura e letramento literário. Ao longo da análise das entrevistas, autores como: Campelo (2010), Delácio (2010), Maroto (2009), Manguel (1997), Chartier (2001; 1999), Thompson (1992), Cosson (2006) e Candido (1995) fundamentaram as reflexões aqui propostas.

No tópico a seguir: “Uma Biblioteca escolar para a escola Maria da Glória”, destacamos a história da biblioteca e neste tópico também apresentamos a análise do *corpus* da pesquisa, apontando os resultados obtidos.

UMA BIBLIOTECA PARA A ESCOLA MARIA DA GLÓRIA

Dessa forma, como fruto de uma prática pedagógica, é necessário relatar a minha trajetória no PIBID. Há três anos participo do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência, o PIBID. Essa trajetória me trouxe experiências que levarei para o resto da minha vida, experiências estas que contribuirão de maneira singular para o meu futuro profissional como professora, mas, além de tudo, como pesquisadora. No segundo ano desenvolvi a pesquisa “O perfil de leitores do Ensino Fundamental: literatura e formação de leitores”, os resultados obtidos fizeram emergir o meu projeto de mestrado. Todo início de ano refletimos (os estagiários do PIBID) na nossa prática e no lugar que estamos inseridos, e propomos algo para pesquisar.

Este ano fui para a Escola Estadual Maria da Glória. A escola nos recebeu muito bem, professores e funcionários, porém, quando decidi dirigir a minha pesquisa a um setor que a escola não possuía, a biblioteca, de início não fui bem vista. Foi como mexer em uma ferida aberta. No começo, me senti em um espaço que me proporcionaria

⁸ Foi utilizada a transcrição canônica. A transcrição canônica é utilizada quando se quer dar mais ênfase ao conteúdo da entrevista e não na forma como o entrevistado falou, para isso, utilizou-se a pontuação como forma para demonstrar onde teve uma pausa, mostrando que a pessoa parou para pensar e responder a questão.



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

muitas experiências agradáveis, essa impressão aconteceu só no começo, uma que muitas escolas não aceitam passivamente estagiários de universidades que incentivam a pesquisa. Foi o meu caso, conversei com a professora/supervisora da escola, e ela me dirigiu ao coordenador, que assumiu uma posição defensiva e não aceitou de pronto a minha proposta: “pesquisar por que até hoje a escola não possui uma biblioteca”.

Expliquei que seria uma pesquisa de campo, tendo como base a leitura e a biblioteca. O diretor afirmou que a escola não tinha espaço na sua estrutura, e que para ter um espaço para biblioteca seria necessário diminuir o número de alunos. De maneira mais taxativa disse que se quisesse resolver o problema, teria que levar uma sala para a escola. Fiquei muito decepcionada, mas não desisti. Alguns dias depois, com a pesquisa em andamento, conseguimos uma sala “pequena” para guardar os livros. A organização começou e ganhamos duas prateleiras, depois alguns materiais para a decoração da sala. Organizamos todos os livros que a escola possuía na prateleira, a divisão foi feita a partir de séries: Ensino Primário, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Foi muito bom perceber que todos estavam ajudando, professores, funcionários e, principalmente, a equipe do PIBID/Letras, que se empenhou ao máximo para deixar aquele espaço com a aparência de uma biblioteca.

As primeiras bibliotecas surgiram na antiguidade clássica. A história chama a atenção para duas bibliotecas: a Biblioteca de Pérgamo e a de Alexandria. A que se destacou mais foi a biblioteca de Alexandria, que tinha como rei na época o rei Ptolomeu I, considerado “um homem de letras com uma queda por tudo que tivesse ligado ao intelecto” (MAROTO *apud* FLOWER, 2009, p.33). Ptolomeu chegou a enviar uma carta exigindo que todos os governos lhe cedessem seus manuscritos. Desses manuscritos seria tirado uma cópia, o original ficaria com o rei, e a cópia seria devolvida ao governo que a cedeu. Segundo Maroto, essas bibliotecas, “além de difusoras do pensamento, foram também conservadoras de textos ‘*profanos*’” (2009, p. 32). Com o passar dos tempos, elas foram perseguidas e seu acervo saqueado e queimado. A partir de então, a história perdeu obras valiosas de vários autores como as



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

de Ésquilo, Sófocles, Eurípides, entre outros, restando poucos registros desses autores da antiguidade. De lá para cá, surgiram novas bibliotecas. No século XV, as bibliotecas existentes eram restritas ao corpo religioso, não permitindo o acesso livre aos livros. Isso aconteceu, também, pelo fato de as bibliotecas estarem instaladas nos conventos, o que facilitava o monopólio por parte da igreja. Havia homens que tinham em suas casas verdadeiras bibliotecas, com o mais variado acervo de livros. Muitas dessas bibliotecas particulares eram mantidas em segredo por homens que possuíam um *status* elevado na sociedade como: “reis”, “literatos, eruditos e personalidades da alta sociedade” (MAROTO, 2009, p. 39). As bibliotecas universitárias surgiram apenas durante o século XIII, com o aparecimento das universidades. Já as bibliotecas públicas existem desde o século IV e foi justamente a partir dessas bibliotecas que “o livro passa da categoria sagrada para a categoria profana, deixa de ser intocável para ser condutor, e posto ao alcance de todos” (MARTINS *apud* MAROTO, 2009, p. 39).

As bibliotecas, por sua vez, têm perdido o seu espaço no decorrer da história, principalmente, as bibliotecas escolares, foco da presente pesquisa. Isso ocorre, muitas das vezes, pela falta de investimentos e de incentivos por parte do governo. As pessoas são incentivadas muito mais a terem tudo que a tecnologia oferece como: celular de última geração, computadores, acesso à internet, mas são pouco incentivadas a ler, muito menos a desenvolverem o senso crítico. A afirmação se torna verdadeira quando olhamos para os dados da pesquisa do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP)⁹, que revela que, em um país da extensão do Brasil, apenas 23,39% das escolas possuem uma biblioteca. Trata-se de um dado vergonhoso para um país que diz se importar com a educação de sua população. O que se nota nesta pesquisa é que mesmo com incentivos como o PNBE e o PROLER, a realidade ainda é precária, pois percebe-se que ainda é considerado pequeno o aumento de bibliotecas escolares no Brasil.

⁹ Censo Escolar 2005 (MEC; INEP, 2005 Extraída do livro “Biblioteca escolar, Eis a questão!” de Lúcia Maroto, 2009.



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

Em 1985, somente 8% das escolas possuíam uma biblioteca, já em 2005, o número passou para 23,39%¹⁰. Um aumento não considerável tendo em vista a dimensão territorial do país. O que é necessário para conscientizar as escolas em relação à importância da biblioteca para a comunidade escolar? Se os incentivos à leitura e à formação de bibliotecas não têm funcionado, o que fazer? É necessário que outras medidas sejam tomadas. A lei 12.144, mencionada na introdução de nosso texto, pode ser uma solução. Mas para que essa lei se efetue verdadeiramente, os alunos deverão esperar mais seis anos para que a lei seja uma realidade, uma vez que as escolas têm dez anos para se adaptarem ao que foi aprovado. Quem sabe daqui a dez anos, com a lei já em vigor, a maioria das escolas, e por que não todas, já estejam com suas bibliotecas escolares funcionando, atendendo, assim, o público alvo, a saber, a comunidade escolar, contribuindo, dessa forma, para a formação de leitores e espaços de aprendizagem e compartilhamento de conhecimento.

As bibliotecas escolares no Brasil estão passando por um momento de decadência, pois as poucas escolas que possuem um espaço destinado à biblioteca não atendem às exigências da Secretária de Educação, pois para se construir uma biblioteca, faz-se necessário que caiba pelo menos uma turma, ou seja, uma sala, quando, na realidade, existem espaços que não cabem nem dez pessoas juntas, como é o caso do pequeno espaço cedido para a Biblioteca da escola Maria da Glória. De acordo com Magda Soares:

O mesmo ocorre, com as bibliotecas escolares, também raras e precárias; faltam dados estatísticos, mas não são necessários para que se possa afirmar que também elas são poucas, pouquíssimas, em relação ao número de escolas e ao tamanho da população escolar, mas são poucas, são precárias sobretudo nas escolas públicas, naquelas que atendem às camadas populares (SOARES *apud* MAROTO, 2009, p. 61).

Silva corrobora com a afirmação de Soares. Para ele, a implementação e organização de uma biblioteca:

¹⁰ Idem 9



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

[...] requer um projeto arquitetônico que possa acomodar uma turma completa, ou seja, em média 35 alunos. A área destinada à biblioteca deve conter, no mínimo, o mesmo tamanho que uma sala de aula, ou seja, 1,2 metro quadrado por aluno, considerando a circulação e a área para o responsável pela biblioteca (SILVA, 2009, p. 119).

Além do espaço adequado para os alunos circularem e desfrutarem de momentos de leitura, é necessário um espaço que propicie atividades como contação de histórias e outras atividades que os professores, juntamente com o bibliotecário, podem planejar. A biblioteca precisa ter um mobiliário que acomode de maneira prática o acervo da escola e um responsável formado em biblioteconomia. Além da organização e funcionamento, outro aspecto importante a ser destacado é a inserção desse espaço no planejamento da escola. É necessário que haja um planejamento desde o início do ano entre a sala de aula e a biblioteca. Tal pressuposto também é valorizado por Silva:

Cada início de ano letivo é o momento para estabelecer metas, conteúdos e planejar ações que alicersem o trabalho a ser realizado na escola [...] e o mediador de leitura e de informação (bibliotecário ou professor) deve participar ativamente das discussões gerais, do planejamento anual previsto na escola, ou seja, apresentar e discutir o seu plano de trabalho em relação à escola e às séries, de modo que a biblioteca esteja inserida integralmente no cotidiano escolar (SILVA, 2009, p. 118).

Na escola pesquisada, isso não é possível, pois o espaço é muito pequeno, não permitindo a permanência de alunos e professores na mesma, o que não inviabiliza a existência de projetos de leitura, que visem incentivar a formação de leitores e o uso da biblioteca. No PPP da escola existe um projeto, que, nas palavras de uma das professoras da escola, “até o ano passado funcionou muito bem, esse ano por causa da copa e outros eventos da escola, não foi possível”. A leitura e, principalmente, a leitura de textos literários, devem estar presentes no cotidiano desses alunos. Segundo Candido (1985), todos têm o direito à literatura, a literatura é um “bem incompressível”, que não deve ser negado a ninguém, assim como todos têm direito aos bens simbólicos como alimentação, roupa, moradia, a literatura se encaixa nesses bens. Muitas crianças e adolescentes só têm contato com a literatura/obra literária na escola, a partir da



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

biblioteca. Conclui-se, assim, que é preciso uma conscientização por parte do corpo docente e administrativo da escolar para promover esse contato.

Vale ressaltar também a importância do letramento literário¹¹ para a formação do indivíduo crítico. Para Cosson (2006), o trabalho com a leitura e a literatura tem que proporcionar sentido para o aluno. Trabalhar em prol da formação de leitores requer possibilitar ao estudante o acesso aos livros e a capacidade de gerar sentido a partir de suas leituras, refletindo sobre a realidade e o mundo ao seu redor.

O trabalho requer um amparo político, com investimento em construções de bibliotecas escolares e manutenção do acervo. No entanto, é urgente a formação de professores leitores, que valorizem a prática da leitura porque ela é uma realidade em suas vidas. Nas entrevistas que realizamos com as lideranças da escola e com os professores de Língua Portuguesa, observamos que a maioria se considera leitor, como nos exemplos abaixo:

Eu me considero, em parte, primeiro porque eu já optei pelo curso de letras porque sempre tive afinidade e hábito de leitura né, e porque sempre eu estou fazendo questão de estar comprando algum livro, de estar lendo livros atuais e, eu me considero uma leitora (Professora B).

Eu me considero um leitor é, principalmente, por causa da minha atividade enquanto diretor da escola, eu tenho necessidade, eu tenho obrigação de ler, queira ou não, agora conciliando a minha necessidade enquanto diretor de escola, eu gosto muito de romance, contos e muita leituras sobre a vida sustentável (Diretor escolar).

É necessário que o gosto pela leitura seja difundido, e isso pode acontecer se professores, juntamente com o administrativo, intervirem em suas práticas pedagógicas e aliarem-se à biblioteca. Segundo Manguel, antes de tudo “o leitor precisa aprender a capacidade básica de reconhecer os signos comuns pelos quais uma sociedade escolheu comunicar-se: em outras palavras, o leitor precisa aprender a ler” (1997, p. 41). O ato de

¹¹ Para Cosson *apud* Pinheiro “o Letramento literário, conforme o concebemos, possui uma configuração especial. Pela própria condição de existência da escrita literária, [...], o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio. Daí sua importância na escola, ou melhor, sua importância em qualquer processo de letramento, seja aquele oferecido pela escola seja aquele que se encontra difuso na sociedade (COSSON *apud* PINHEIRO, 2011 , p. 304)



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

ler é adquirido com o tempo, ninguém nasce com o gosto pela leitura, é necessário que os mediadores na escola, o professor e o bibliotecário, trabalhem juntos para aguçar esse gosto nos alunos, o que deveria acontecer desde os anos iniciais. A literatura se constitui como um forte aliado para o sucesso desse conjunto, é uma ferramenta indispensável para a formação de leitores, de modo que, quanto mais cedo a criança travar contato com a literatura, mais promissor será o seu futuro como leitor. Nas entrevistas foi possível perceber, também, que os professores da escola pesquisada, quando questionados sobre: “Quais as leituras mais lhe agradam? Tem alguma em especial?”, se mostram em contato com a literatura:

As que eu escolho e que não são obrigatórias, essas são as que mais me agradam. Quando alguém me indica um livro e eu me interesso por esse livro, eu falo não, eu quero ler por prazer. Essas são as que mais me agradam [...] **Tem alguma em especial? Uma obra literária que você gosta mais?** Ai é muito complicado, mas o último conto que eu li, ah, os últimos que eu li e me apaixonei, muito emocionante, foi do *Menino que escrevia versos* do Mía Couto, e a *Negrinha* e o *Biruta*. Foram os últimos contos que eu trabalhei em sala de aula, e quando eu li pela primeira vez, me passou uma emoção, assim, muito grande, claro são textos curtos, os romances também me movem de alguma maneira, mas os últimos que me causaram uma emoção muito grande foram esses. (Professora A).

Eu gosto de leituras literárias, gosto também de alguns livros teóricos, não a gramática normativa em si, mas teoria, é que auxilia a gente na interpretação, que nos ajuda com técnicas de contextualização, **Tem alguma em especial? Uma obra literária que você gosta mais?** Ah, eu gosto de Alice no país das maravilhas, eu gosto muito de literatura infantil, aqui na escola mesmo sempre que chega eu levo um punhado. Ai, muitas “A fada que tinha ideias”, também “As princesas soltam pum”, eu sou muito ligada na literatura infantil, e sempre eu estou lendo, eu gosto de Monteiro Lobato, Ana Maria Machado, e isso. (Professora B)

É necessário perceber se este contato/gosto está sendo repassado para os seus alunos, de maneira que eles se interessem pela leitura e, principalmente, a leitura de textos literários. A leitura e a literatura devem apoiar-se mutuamente, devem caminhar juntas, possibilitando, assim, o acesso aos bens culturais de uma sociedade.

Vale ressaltar que o professor e o bibliotecário têm um papel muito importante na formação de leitores. Como mediadores entre os sujeitos em formação e o livro, é a partir deles que alunos terão contato com a leitura e a literatura. Eles devem estar



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

preparados para mediar a relação entre o livro e o aluno. São esses mediadores que farão com que a leitura faça sentido para a vida dos alunos. Por isso, é necessário um preparo por parte desses importantes atores, ou seja, promotores do letramento literário.

A escola já completou 34 anos de existência, é difícil pensar em um ambiente escolar que tem tantos anos de trajetória, mas que não possua um espaço destinado à biblioteca. Quando voltamos o olhar para o Projeto Político Pedagógico da escola, o PPP, documento norteador da mesma, nos deparamos com a seguinte informação “a escola não possui sala destinada à biblioteca”¹², mas em nenhum momento o documento menciona se é previsto ou não a formação/construção de uma, e também se ela já esteve inserida na instituição de ensino.

O diretor, quando questionado sobre “qual o espaço da biblioteca na Escola Maria da Glória? Ela já contou com uma biblioteca?” afirmou que: “a escola já possuía um espaço chamado de biblioteca, com o tempo, a parte acadêmica foi crescendo, e com a chegada das tecnologias, esse espaço foi transformado, hoje, em coordenação pedagógica”. O discurso do diretor parece interessado em apresentar uma desculpa para a desativação da biblioteca. Como afirma Maroto: “[...] estão frequentemente desativando esse espaço, quando existe, para dar lugar a uma sala de aula ou para desenvolver outras atividades consideradas mais relevantes” (2009, p. 63).

A preocupação da direção parece ser a de atender os números, atender os alunos também é importante, mas a biblioteca é essencial para a escola, é a partir dela que se dará a formação de leitores e o enriquecimento cultural do indivíduo. Além disso, o diretor encerra sua fala alegando uma solução para o problema: “a escola busca a construção de uma biblioteca com todas as características propostas da secretária de educação atualmente” (Diretor escolar), mas não menciona em sua fala como isso será feito. É necessário dar mais valor à biblioteca, por ser um espaço de aprendizagem mútua e formação do cidadão. Antes do espaço organizado para empréstimos de livros, o espaço biblioteca, os empréstimos aconteciam, de acordo com o diretor da escola:

¹² Fonte: Projeto Político Pedagógico, item 6.3, não contém página.



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

“como se fosse ambulante, caixas de livros são carregadas ou transportadas pelos alunos ou professores, e a leitura/biblioteca acontecem simultaneamente”.

Não há uma ponderação crítica em relação a precariedade com que os poucos livros são preservados na instituição. Também falta um discurso preocupado em reverter a situação. Assim, diante do exposto, parece que a escola terá que esperar os dez anos de prazo (de acordo com a lei 12.144 de 2010), para pensar e construir/planejar/organizar um espaço.

É importante ressaltar aqui a impressão dos alunos e professores com relação à biblioteca. Muitos alunos questionavam porque a escola não tinha uma biblioteca, outros não faziam questão nenhuma de pensar sobre o assunto. O mesmo se dava em relação aos professores, alguns, simplesmente, não desejam tomar parte na discussão. Quando os pibidianos organizaram a pequena sala cedida pela direção, chamada “Espaço para empréstimos de livros”, começou a motivação. Alunos iam até os estagiários para pedir informações de quando poderiam pegar livros emprestados, e os professores comentavam entre si, e diziam aos estagiários que iria lá ver como estava ficando o espaço. Com a inauguração da sala, no dia 26 de agosto de 2014, os alunos ficaram muito empolgados, professores das diversas disciplinas incentivavam alunos a pegarem livros e a lerem em suas aulas. Foi notório o fato de que os alunos sentiam falta de ambiente como este, mesmo que apenas para o empréstimo dos livros. Já foi possível perceber a diferença na vida desses alunos. Para um futuro artigo será colhida, de maneira mais específica, as vozes desses sujeitos (professores e alunos) em relação à biblioteca escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realidade presenciada hoje, no Brasil, é motivo de preocupação para grande parte dos profissionais que se dedicam à leitura, à literatura e ao Letramento literário. Os resultados alarmantes das pesquisas aqui mencionadas são reveladores do descaso



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

com que governantes e gestores escolares tratam a questão e não proporcionam aos alunos e aos membros da comunidade escolar “a busca pela leitura” e o acesso aos livros.

O discurso presente na escola é marcado pela preocupação em atender números, deixando, assim, de atender à formação do leitor crítico. É preciso que haja a conscientização, por parte dos atores que compõem o corpo escolar, a fim de que a biblioteca possa ser muito mais que um “depósito de livros”, um espaço de “acesso à leitura e ao conhecimento”. Muitas escolas do Brasil estão na mesma situação da Escola Maria da Glória, lugares inadequados para momentos de leitura, sem estrutura e mobília para atender os alunos e com um acervo precário.

Se a escola se acomodar, o espaço destinado à biblioteca continuará a ser o pequeno ambiente que a direção ofereceu, quando incomodados com a pesquisa apresentada a eles. Sem a possibilidade de desenvolver neste espaço atividades integradas, o “depósito de livros” não cumprirá com o seu papel de difundir o conhecimento, a cultura e os saberes científicos. Restará, por fim, a mesma indagação que norteou o desenvolvimento da presente pesquisa: a falta de um espaço para a biblioteca escola na escola Maria da Glória é apenas uma questão de política pública?

REFERÊNCIAS

BRESSON, Françóis. A leitura e suas dificuldades. In: CHARTIER, Roger. *Práticas da leitura*. Org. Roger Chartier. Trad. Cristiane Nascimento. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CAMPELLO, Bernadete. A biblioteca escolar como espaço de aprendizagem. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/SECRETARIA BÁSICA. *Literatura: ensino fundamental*. Vol. 20. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

CANDIDO, Antônio. **O direito a literatura. (1988)** In. Candido, Antônio. *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Trad. Mary Del Priori. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

_____. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger. *Práticas da leitura*. Org. Roger Chartier. Trad. Cristiane Nascimento. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

FABRE, Daniel. O livro e sua magia. In: CHARTIER, Roger. *Práticas da leitura*. Org. Roger Chartier. Trad. Cristiane Nascimento. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

FERNANDES, Célia Regina Delácio; VIEIRA Adriana Silene. O acervo das bibliotecas escolares e suas possibilidades. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/SECRETARIA BÁSICA. *Literatura: ensino fundamental*. Vol. 20. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MAROTO, Lucia Helena. *Biblioteca Escolar, Eis a questão! Do espaço do castigo ao centro do fazer educativo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SILVA, Ronilson José da. Biblioteca Escolar: Organização e Funcionamento. In: SOUZA, Renata Junqueira de. (Org). *Biblioteca Escolar e práticas educativas: o mediador em formação*. (EDITORA, CIDADE, ANO)

THOMPSON, Paulo. *A voz do passado: História Oral*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.